

Pensar a resistência: a Greve Nacional em Cali

Via [Viento Sur](#)

O objetivo deste texto é esclarecer o que está acontecendo na cidade de Cali e, de minha perspectiva como sociólogo, descrever e propor explicações iniciais para um conjunto de ações coletivas violentas nas quais diferentes atores, motivos e formas de ação são encadeados e articulados, que juntos têm diferentes consequências para a cidade. Que interpretação pode ser dada ao que está acontecendo?

0 contexto geral

Como ponto de partida, considero que devemos levar em conta as circunstâncias que contextualizam o que foi vivenciado na cidade.

1 – Em nível internacional, mas especialmente na América Latina, eventos similares ocorreram no Chile, Equador e Venezuela nos últimos três anos. Em cada caso, novos repertórios e novos atores, especialmente os jovens, e uma presença muito significativa de mulheres, se manifestaram. Há questões de estabilidade no emprego, direitos ambientais, sexuais e reprodutivos. Em geral, elas são exigências para a democratização da sociedade.

No Chile, como resultado de um aumento do transporte público, houve fortes confrontos entre manifestantes e forças públicas. O governo do Presidente Piñera não insistiu na estratégia repressiva muito forte com a qual tentou inicialmente enfrentar o conflito, sem conseguir resolvê-lo. Optou por chamar por uma mudança na Constituição que estava em vigor desde a época de Pinochet. No Equador, em outubro de 2019, foram os povos indígenas que se opuseram a um decreto que eliminou o subsídio à gasolina. Eles realizaram mobilizações

indígenas muito significativas, bloqueios e marchas nas quais houve também fortes confrontos com as forças públicas. O governo cedeu, com a mediação das Nações Unidas, e colocou uma mudança de governo em perspectiva, de acordo com o calendário eleitoral, o que contribuiu para a resolução do conflito. A existência de uma sociedade polarizada e o papel significativo dos povos indígenas no conflito e na resolução do problema tornou-se evidente. Na Venezuela, o descontentamento popular generalizado com o governo levou a confrontos ferozes nas ruas. O regime de Maduro se reafirmou, com o apoio do exército, da polícia e das milícias civis, armado pelo próprio regime. Neste caso, a repressão violenta da população reafirmou o regime e manteve o problema latente até hoje, com uma população empobrecida que optou por migrar para fora do país. Na Colômbia, então, temos que avaliar o que está acontecendo, o que está em jogo, a forma como o conflito é expresso, tanto pelos manifestantes como pela resposta do Governo e do Estado. Em resumo, sugiro levar em conta o contexto internacional de conflitos similares para compreender nossos próprios problemas.

2 – No caso colombiano, é importante voltar às enormes manifestações que aconteceram em várias cidades em novembro de 2019. Naquela época, temas e demandas similares para a democratização foram expressos em um repertório que também foi incorporado pelos jovens e mulheres. Mas a diferença colombiana foi que, mais uma vez, questões como os Acordos de Paz não cumpridos e a necessidade de promover a coexistência pacífica, questões agrárias e de terras camponesas e o ensino superior gratuito foram reiteradas.

Em Cali, houve uma grande manifestação que se concentrou no CAM: pacífica, entusiasmada com música e cenas de teatro de rua. A polícia estava presente, mas não interveio. No entanto, à tarde, quando os manifestantes se dispersaram, houve situações de vandalismo e saques. O prefeito Armitage declarou o toque de recolher. Durante as primeiras horas da noite, as

redes sociais disseram que os vândalos estavam assumindo unidades residenciais em diferentes setores da cidade, especialmente no sul, e os residentes foram chamados a se armar e se defender. A polícia com suas sirenes ligadas parecia sobrecarregada em patrulhamento. Houve uma situação de pânico na cidade, mas o fato importante é que no dia seguinte os atos maciços de vandalismo e invasão de unidades residenciais não puderam ser documentados. No fundo, testemunhamos uma realidade inventada em suas dimensões pelas redes sociais.

Em resumo, em novembro de 2019 ficou evidente uma legítima mobilização cidadã que levou ao vandalismo, à intervenção das redes fabricando falsas realidades e mostrando uma reação em princípio armada do Estado e com a participação de civis armados. O conflito, que ocorreu em outras cidades com características semelhantes, não foi adequadamente canalizado pelos governos municipais, departamentais ou nacionais, em antecipação a situações futuras. As conversas foram convocadas sem consequências práticas.

3 – Em março de 2020 vem a pandemia da Covid-19 que já nos afeta há 14 meses. Na Colômbia há uma recessão econômica, assim como em Cali, embora não tão acentuada como em outras cidades e regiões. Na cidade, de acordo com o dinamarquês, a pobreza monetária aumenta de 21,9% para 36,6% de 2019 a 2020. Também há uma redução estimada em 22% na classe média, o que é importante parar, já que a mobilização cidadã inclui os setores médios. A pandemia em si não afeta tanto Cali como Bogotá, Medellín e Barranquilla, mas nos setores populares da cidade há oposição à forma policial de controlar o isolamento dos cidadãos. O Secretário de Segurança de Cali parece mais um agente da Procuradoria Geral que fala de comportamento criminoso do que um estrategista da cultura cidadã que procura fortalecer o isolamento social. No fundo, se considera que a pandemia é reproduzida com mais força nos setores populares e requer força e não convicção para conseguir o isolamento

social.

Nesta difícil situação nacional, o governo inexplicavelmente propõe uma reforma fiscal que recai especialmente sobre uma classe média trabalhadora e empobrecida, os estratos 3, 4 e 5. Uma Greve Nacional é então convocada para 28 de abril de 2021 que desencadeia uma série de eventos de conflito até hoje.

Embora a situação em Cali tenha sido particularmente grave e difícil, os atos de violência foram repetidos em todo o país, especialmente nas cidades. Acredito que estamos na presença, portanto, de um problema nacional, marcadamente urbano. Cali, sintetiza de maneira pronunciada as contradições que são vivenciadas em outras regiões e cidades do país.

4 – Os eventos na Colômbia tiveram reações em nível internacional, em organizações como as Nações Unidas, em governos como o do Presidente Biden, em manifestações cidadãos em Madri, Londres, Paris, Bruxelas, entre outros lugares, e na mídia mais importante da Europa e da América do Norte. Em todos eles há uma preocupação com a situação e um chamado ao governo colombiano para não usar força excessiva. Como eu disse, isto tem sido positivo, já que as agências de segurança sabem que também estão sendo vigiadas e estão realizando suas tarefas com mais cuidado. Mesmo em Cali, no dia 19 de maio, dia da greve, foi possível mostrar que poderia haver manifestações pacíficas com um mínimo de vigilância policial. Isto também é conhecido internacionalmente.

Portanto, existe um problema nacional no qual as cidades, especialmente Cali, desempenham um papel de liderança. Mas seria muito importante fazer uma diferenciação de acordo com as situações regionais, nas quais os problemas urbanos e rurais são articulados em torno de uma cidade central. A região sudoeste, com seu centro em Cali, é a chave para entender o conflito. Sua geografia imediata inclui um eixo sul-norte desde Santander de Quilichao até Cartago e um eixo leste-oeste que começa na encosta oeste da cordilheira

central, passa por Cali e chega à cidade de Buenaventura, no Pacífico. É uma região de economias diversas e populações étnicas diversas. Tem uma história de conflito armado e violência que está presente nos eventos de hoje. O papel desempenhado pelos Acordos de Paz é importante, assim como sua natureza inconclusiva ou sua sabotagem por diversas forças. Este problema rural se sobrepõe na região sudoeste com o que aparece nas cidades do sudoeste, especialmente em Cali.

Nas cidades e regiões aparecem combinadas:

- Protestos e manifestações pacíficas.
- Vandalismo de vários tipos.
- Presença de barricadas em setores estratégicos das cidades.
- Participação de setores sociais diferenciados dos habitantes diretos, que lideram e daqueles que se adaptam e sofrem as barricadas e bloqueios.
- A intervenção das autoridades civis do Estado, das Forças Armadas e da Polícia que usam abertamente força excessiva e ilegal, em alguns casos.
- A presença de civis armados, de vários lados, que usam suas armas.

O que é necessário, então, é uma interpretação do todo e do que está acontecendo em Cali. Creio que os eventos podem ser explicados argumentando que fazem parte de uma mobilização social, especialmente dos jovens, que questionam a ordem social e política vigente há muito tempo e com um senso de injustiça social, que enfrentam um governo que não lhes oferece alternativas, fora da polícia e do tratamento militar do conflito, e que os considera vândalos, delinquentes e terroristas, sem levar em conta as manifestações legítimas de descontentamento. Na minha opinião, este movimento vem tomando forma há vários anos, articula-se com acordos de paz que não foram totalmente assumidos e que têm encontrado todo tipo de obstáculos por parte do governo. Estes acordos refletem os sentimentos de uma grande parte da Colômbia rural que hoje se

combinam com uma agenda ampliada pelos jovens das cidades, que constituem 70% da população colombiana, que vivem com desemprego e falta de educação e protestam contra os assassinatos de líderes sociais, especialmente nas áreas rurais onde prevaleceu o conflito armado. A questão subjacente ao conflito social é a longa voz inaudita da Colômbia rural, que viveu o conflito armado, combinada com a voz dos novos setores urbanos que se sentem excluídos pela ordem social e política existente, representada pelo Governo.

O caso de Cali e do sudoeste da Colômbia

Em seguida, vou me deter em alguns aspectos que nos permitem entender, em minha opinião, por que um problema nacional tem características mais acentuadas em Cali e na Região Sudoeste.

1 – A sociedade de Valle del Cauca e Cali tem tido uma história de fragmentação, tanto por classe como por etnia. Em termos de classe, a desigualdade é muito pronunciada e é reproduzida ao longo do tempo. Reflete-se em setores opostos, de pessoas que têm e não têm, com pouca mobilidade ascendente entre eles. Grande parte da mobilidade social, quando ocorreu nas últimas décadas, tem sido agenciada pelas economias ilegais e pelos grupos sociais que delas emergem. Do ponto de vista étnico, também se formou historicamente um senso de superioridade dos setores da população branca sobre os setores da população negra e indígena. Isto pode ter mudado desde a Constituição de 1991, mas muito lentamente. O racismo persiste hoje em dia. O fato é que os setores que sofrem as consequências da fragmentação étnica e de classe desenvolveram um sentimento de injustiça social que se consolida e aumenta nos setores sociais subalternos, em oposição aos setores privilegiados da sociedade. Eles exigem respeito, direitos e identidade. Eles estão se tornando cada vez mais organizados e melhores na organização de suas demandas cidadãs, que são justificadas.

2 – A forma tradicional de manter a ordem social e política na

cidade e na região era a hegemonia filantrópica. Isto significa que os setores social, empresarial, agrário e industrial que detinham o poder econômico se envolveram no funcionamento do Estado e canalizaram parte de seus lucros e esforços pessoais através de ONGs em benefício dos cidadãos. O gasto público se refletiu no progresso da cidade e de sua população. Esta forma de exercício do poder poderia ser mantida até a primeira prefeitura de Rodrigo Guerrero (1992-1994) com seu principal programa Desepez para a segurança do cidadão. Mas surgiu uma crise no estabelecimento regional quando ficou evidente que o tráfico de drogas estava ligado à política desde 1994 (Processo 8.000) até os dias de hoje. Durante este período há momentos diferentes e nem todos os atores têm a mesma responsabilidade, mas com o tempo foi entronizado um sentido paramilitar de fazer política, ganhar eleições e participar dos lucros da contratação pública e do acesso à burocracia estatal. O impacto negativo do tráfico de drogas e da lavagem de dinheiro tem sido muito grande na economia e na política e na disseminação do comportamento mafioso na cidade e na região.

O trabalho de vários anos que tenho feito como analista da violência urbana e regional tem sua principal explicação no tráfico de drogas e na estruturação de uma ordem social paramilitar. Como é possível que de 1991 a 2021, ou seja, durante 30 anos, Cali, Valle del Cauca e Norte del Cauca, tenham taxas de homicídio semelhantes que, em média, estão 25 pontos acima das taxas nacionais? Em 2019, a taxa de homicídios para Cali era de 49,7 x 100.000 habitantes, quase o dobro da taxa nacional (25,1). Em 30 anos, foi tecida uma sociedade para-mafiosa e armada, nos diferentes setores da sociedade e em todos os níveis.

É importante ter em mente que as elites regionais não são homogêneas e que uma parte civil tentou recompor seu poder e papel na sociedade, com uma alternativa na qual os setores empresariais, jovens em alguns casos, estão novamente

participando, buscando uma alternativa civil para resolver os problemas do Estado. Mas o que é certo e verificável é que até agora eles não tiveram sucesso. Rodrigo Guerrero não pôde fazê-lo em sua segunda gestão; Maurice Armitage o fez parcialmente, que administrou bem as finanças municipais, investiu na educação e vinculou setores afro excluídos à administração. O atual prefeito, pela segunda vez no governo municipal, tem o apoio de setores populares, mas carrega o Inri da corrupção, desde sua primeira prefeitura, com contratos em favor de seus parentes e amigos políticos. Em resumo, há um acordo social e político muito fraco sobre as regras básicas para a gestão do estado local e regional. O fato de que a hegemonia é precária e que o poder está disperso apenas encoraja o conflito e a violência. Em síntese, o acordo de dominação existente na cidade e na região não contraria a dinâmica da violência. Há clientes fortemente ligados ao lucro no funcionamento do Estado e nos gastos do orçamento.

3 – Além dos fatores anteriores que intervêm de forma estrutural, é necessário fazer referência à greve e sua expressão nas manifestações e barricadas em pontos estratégicos da cidade. Devemos começar falando sobre os manifestantes. A participação dos jovens e das mulheres é notável. Eles vêm principalmente dos bairros em torno dos locais de manifestação e bloqueio, onde tiveram experiência na organização de bairros e comunidades de jovens, alguns com influência religiosa ou de ONGs. Eles estão presentes nas marchas e manifestações pacíficas e participam das barricadas. São seus principais atores. Em seu meio movem organizações que têm experiência e interesses políticos definidos e se opõem ao Governo, ao Centro Democrático e ao Uribismo. Eles assumem bandeiras políticas da oposição e mostram organização e experiência em sua mobilização. Milicianos que pertencem a organizações armadas, como o ELN ou as FARC residuais, também participam. Não há evidências de que eles dominem e dirijam a maior parte das ações. Grupos de jovens ligados à criminalidade, gangues e vandalismo também participam. Eles

causam muitos danos nas estações de transporte público, mas não podem ser confundidos nem com o primeiro nem com o segundo grupo. Eles não representam e não devem ser identificados com protestos de jovens.

Portanto, existe uma heterogeneidade de manifestantes que articulam descontentamento e oposição ao governo, ao Centro Democrático e ao ex-presidente Uribe. Eles se opõem ao que eles chamam o sistema neoliberal fascista. Esses grupos assumem e reivindicam a voz e a demonstração dos setores não-conformista, têm o apoio dos cidadãos em ambientes amplos. Mas sua estratégia de bloquear a mobilidade também gera oposição nos mesmos setores populares de onde eles vêm. O confronto reaviva os Acordos de Paz aos quais o governo se opôs e amplia o espectro das demandas para incluir as questões da juventude urbana.

Dada a polarização da cidade, tais manifestações e bloqueios são entendidos, do lado do governo e de seu partido, como um projeto Petrista, Castro-Chavista, patrocinado pela guerrilha, ou como uma nova estratégia molecular do comunismo internacional para tomar o poder através do terrorismo.

4 – É necessário consultar as autoridades civis. O apoio do Presidente foi solicitado na cidade. Mas sua resposta não foi clara durante suas poucas visitas, além de pedir que os bloqueios fossem levantados e que a atividade econômica fosse reativada. Deve-se notar que o Presidente está em uma situação fraca, pois perdeu o apoio de seu próprio partido, que considera ter feito propostas inoportunas que serviram à oposição petrista para se posicionar para as próximas eleições.

A Governadora pede o apoio do governo nacional, mas não consegue articular uma abordagem regional abrangente para enfrentar o problema. Ela tem propostas confusas, como a de fechar as fronteiras do departamento, quando a ideia é abrir a mobilidade e reativar a atividade econômica com outros

departamentos do país.

O prefeito fez intervenções nas quais ele indica que busca o diálogo e o acordo com os diferentes atores envolvidos nas revoltas, greves e bloqueios na cidade. Ele conseguiu acordos precários e deve-se reconhecer que ele procurou mediar para que os bloqueios pudessem ser levantados, os alimentos e os remédios pudessem chegar à cidade. Também deve ser reconhecido que ele é o único que falou da presença de falcões da morte no conflito, referindo-se à intervenção de civis armados que atiram em manifestantes de furgões blindados brancos, talvez com o apoio e/ou conhecimento da polícia. Mas, por outro lado, o prefeito tem muito pouca credibilidade entre os cidadãos devido a sua gestão corrupta do orçamento público, um assunto que tem sido investigado pelo Ministério Público desde sua primeira administração.

5 – É necessário levar em conta a participação dos povos indígenas, organizada pelo CR em uma minga. Ao contrário de outras oportunidades, a minga não buscou uma mobilização em Cali para apresentar suas demandas ao governo central. Eles vieram à cidade para participar das manifestações, bloqueios e demandas da minga, juntamente com os habitantes, em diferentes setores da cidade. Deve-se notar que sua intervenção foi essencialmente pacífica, embora coerciva com os cidadãos que exigiam a livre mobilização. No caso da estrada Cali – Jamundí, que eu percorri várias vezes, eles optaram por bloquear a estrada, mas permitindo que o tráfego passasse em uma das direções por uma hora e mudando a direção sucessivamente. A guarda indígena estava presente com seu pessoal de comando, sem armas de fogo. No caso do bloqueio que ocorreu na região oeste de Cali, onde vivo, os indígenas participaram abertamente do bloqueio, mas facilitaram a marcha das camisas brancas, ou seja, dos cidadãos que pediram para levantar o bloqueio e pôr um fim aos confrontos. Também não pude verificar que eles tinham armas de fogo. Na minha opinião, o resultado da interação entre os povos indígenas e

os manifestantes em camisetas brancas no Ocidente foi positivo. Alguma normalidade foi trazida ao local e os arranjos precários de mobilidade foram facilitados, ao contrário do que aconteceu em Pance.

A Minga teve seu lugar de concentração na Universidad del Valle. As autoridades universitárias agiu corretamente ao favorecer a chegada da Minga à Universidade, pois isso sem dúvida contribuiu para acalmar a atmosfera da cidade. Após sérios confrontos entre Minga e moradores dos setores Pance e Ciudad Jardín no sul da cidade, onde houve vários atos de violência de ambos os lados (dez indígenas foram feridos), Minga decidiu retirar-se da Universidade de Valle e da cidade.

É preciso se perguntar o que estava por trás da mudança de tática dos povos indígenas quando chegaram à cidade para participar das manifestações e bloqueios de seus habitantes. Também é preciso perguntar qual tem sido sua motivação e papel na região, especialmente no Norte do Cauca, com os bloqueios na Rodovia Pan-Americana em diferentes lugares. A queima das plantações de cana de açúcar e as ameaças aos engenhos e empresas do norte do Cauca são muito preocupantes. As empresas suspenderam a produção por vários dias. Certamente também devemos levar em conta as demandas dos povos indígenas de há muito tempo, que têm a ver com a terra e com os acordos que eles alcançaram e que não foram cumpridos por diferentes governos. O assassinato de líderes indígenas, sociais e de direitos humanos na parte norte da região do Cauca não pode ser esquecido. Existem, portanto, justificativas para a mobilização indígena, mas não está claro qual é sua agenda, e algumas de suas ações são questionáveis, pois contribuem para uma escalada de violência, cujas consequências são desconhecidas.

Para alguns setores da elite de Cali e do governo nacional, são os povos indígenas que são a causa da violência que está ocorrendo e isto, em sua opinião, merece que as Forças Armadas respondam com mão-dura. Como em outros momentos, esta é uma

consideração que deu origem ao surgimento do paramilitarismo. Na minha opinião, o racismo anti-indígena se tornou evidente em setores da sociedade de Cali. É necessário mostrar uma face de diálogo e inclusão. Algumas das decisões tomadas pelos Minga, ou melhor, pelos povos indígenas, organizados ou não pelo CRIC, são preocupantes. É necessário desenvolver a estratégia de diálogo e acordos com os povos indígenas. Por outro lado, além dos Minga e do CRIC, quem conhece a população indígena do Norte do Cauca sabe que uma grande parte deles depende do trabalho na zona, dentro e fora das reservas, e teve que sofrer, nesta ocasião, a falta de renda, alimentos e remédios.

6 – Militarização da ordem pública. Como tem sido argumentado, há protestos e manifestações de vários tipos, alguns violentos e outros pacíficos. Na Colômbia, há apoio na Constituição para manifestações públicas e pacíficas. O problema é que em Cali tem havido uma presença evidente nos protestos e manifestações de diferentes formas de violência com origens diversas e típicas de uma revolta urbana, desde barricadas a repressão policial e militar. O grave problema é o aparecimento de civis armados que atiraram dos lados opostos. É muito preocupante a opinião de certas elites que afirmam que o Estado não é capaz de responder e exige armas em mãos privadas. Apenas algumas vozes têm argumentado que as armas deveriam ser monopólio do Estado e que o Estado só pode usá-las dentro da lei, embora isso não tenha acontecido. Em Cali, em meio aos confrontos, a polícia usou abertamente armas letais contra os manifestantes. Também os policiais, fora do uniforme, aparecem armados nos confrontos. É muito provável, além disso, que eles apoiem civis armados atuando como paramilitares urbanos.

O governo decretou a assistência militar para o controle da ordem pública. Isto é errado do ponto de vista do papel do Exército no controle da lei e da ordem e da segurança dos cidadãos. Vale notar que as denúncias feitas em organismos internacionais contribuíram para que a polícia e a ESMAD

controlassem melhor suas ações ilegais com armas. Paradoxalmente, por outro lado, não são conhecidas ações abertas e ilegais por parte dos militares com armas durante patrulhas urbanas.

A legitimidade da polícia em Cali é baixa, tanto entre as elites que argumentam que não podem confiar em sua segurança, como também por parte de muitos residentes que se referem a uma força policial corrupta em seus bairros, especialmente em relação ao microtráfico. Em alguns setores da cidade, a polícia não pode entrar. Nos setores populares, a polícia tende a argumentar, durante muito tempo, uma criminalização por princípio de jovens, pobres e negros.

O que fazer?

Argumentei que estamos diante de uma complexa mobilização nacional que tem levado em nossa cidade a um caleñazo que se prolonga há mais de 25 dias. Devemos prestar total atenção à sua caracterização e contribuir para dar respostas que nos permitam fortalecer o bem-estar e a convivência coletiva. No confronto, a polarização da sociedade tornou-se evidente, o que enquadra e contribui para a escalada da violência. Os pólos opostos são aqueles que defendem um modelo neoliberal, excludente e autoritário de crescimento econômico, e os setores sociais que procuram consolidar uma nova sociedade, apoiados por setores rurais e urbanos tradicionalmente excluídos e que ainda não expressam claramente a forma de economia e sociedade que defendem. Eles buscam a democratização com uma nova agenda. Entre as opções extremas, há muito espaço para uma mudança social realista.

Na minha opinião, o próximo debate eleitoral começou de forma violenta e apressada. É importante que este debate possa ocorrer em uma atmosfera de paz e que as diferentes propostas para fazer avançar a Nação, a Região e a Cidade possam ser ouvidas. Entre os polos, existem opções civis e democráticas que podem dar respostas iniciais, a partir de agora, às

exigências básicas da situação atual. É necessário ter paciência para que as exigências e propostas para os diferentes problemas possam ser decantadas. As seguintes questões merecem atenção:

- José Antonio Ocampo, destacado economista de Cali, em uma coluna de opinião sintetizou propostas realistas e práticas sobre o que poderia ser uma reforma tributária necessária, sob o princípio da taxaçoão, progressivamente, daqueles que concentram a riqueza. Também sobre o que poderia ser uma renda mínima subsidiada para aqueles que vivem persistentemente no desemprego e na pobreza e sobre mecanismos para encorajar a reativação econômica.
- Em nível local ou regional, é necessário estar ao lado do diálogo entre setores tradicionalmente incomunicáveis para chegar a acordos, mesmo que inicialmente sejam instáveis entre as partes, a fim de reduzir os confrontos e a violência. Também pessoas muito importantes, tais como alguns embaixadores, valorizaram o papel do diálogo. Isto significa identificar os atores e buscar pontes de comunicação entre eles a fim de chegar a acordos. É necessário compatibilizar ao mesmo tempo o direito ao protesto pacífico e à liberdade de movimento em nível local. Isto é possível e a Minga indígena o demonstrou na prática, apesar das barricadas, que são claramente uma forma de coerção e que têm limites, como eles também parecem ter entendido.
- Os bloqueios não podem contribuir para agravar a situação de empobrecimento da população. Este é um argumento muito forte, de natureza humana e também baseado em direitos, contra aqueles que persistem nos bloqueios, certamente os próprios cidadãos em situação de pobreza. Os bloqueios, neste sentido paradoxal, são realizados pelos pobres contra os pobres, sem saber quem se beneficia.
- Devemos propor o desarmamento da sociedade e o uso de

armas estritamente dentro da lei, exclusivamente pelas forças armadas do Estado. Os excessos cometidos contra os manifestantes devem ser condenados. Também devemos denunciar os assassinatos, há vários anos e de vários lados, de defensores dos direitos humanos, líderes comunitários, guerrilheiros reinseridos, indígenas que promoveram a substituição de cultivos ilícitos e tantos colombianos que hoje querem que a sociedade e o Estado sejam recompostos para viver em Paz e Coexistência.

Álvaro Guzmán Barney, Sociólogo, PhD em Sociologia. Professor aposentado do Departamento de Ciências Sociais da Universidad del Valle. O texto a seguir foi motivado por uma conversa informal entre acadêmicos convocada por Hernando Corral sobre a situação em Cali. Agradeço-lhe pelo convite para participar, assim como por seus comentários e pelos muito atenciosos do Gonzalo Sánchez. O texto também foi apresentado em uma reunião na Sociedade de Obras Públicas de Cali. Naturalmente, sou o único responsável por seu conteúdo.